

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O CARICATURISTA VIMARANENSE JOSÉ DE MEIRA (1887-1911).

CARDOSO, Mário

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, O Caricaturista vimaranense José de Meira (1887-1911). *Revista de Guimarães*, 78 (1-2) Jan.-Jun. 1968, p. 97-106.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O caricaturista vimaranense

José de Meyra

(1887-1911)

A arte do retrato caricatural é complexa. Necessita de traduzir, através do exagero das formas, a expressão fortemente vinculada das atitudes e da maneira de ser espiritual da pessoa caricaturada, e tanto pode constituir uma singela realização meramente espirituosa e sarcástica, como a imagem dramática da própria vida real. Há seres que já nascem caricaturados, são já de si espécimes de físico invulgar, isto é, fora de série e à margem do padrão normal da espécie: são caricaturas modeladas pela própria mão da natureza! Outras são realidades vividas pela imaginação do artista. Muitas das figuras satânicas de Goya, por exemplo, não representam formas de exagero e intenção caricatural, porque, sendo criações subjectivas, foram contudo arrancadas ao próprio mundo ambiente do genial Pintor, ou que ele entreviu e sentiu em sonhos tenebrosos e fantásticos.

O caricaturista tem de ser fundamentalmente um psicólogo e um observador, tanto das compleições físicas como de estados de alma, e saber convertê-los em expressões plásticas que traduzam expressões anímicas.

A caricatura pode ter, como via de realização, o desenho, a descrição literária, ou a simples transmissão verbal: caricaturistas de talentoso poder de sugestão foram Gil Vicente ou Molière através da declamação teatral, como através de outras expressões de arte o foram também Eça de Queirós ou Camilo, Cervantes ou Bocage — criadores de figuras caricaturais simbólicas e eternas, flagrantemente de verdade, quer exibidas no tablado de um palco, quer nas páginas de um romance, ou nos ritmos da poesia. A sátira e o epigrama são for-

mas de arte com remota tradição no velho mundo clássico.

Nem sempre a criação caricatural tem apenas a simples e amena intenção humorística de provocar o riso inofensivo, porque na obra do comediógrafo, e até na própria actuação de um bobo, de um palhaço, ou de um manejador de títeres e fantoches infantis transparece por vezes, a par dos aspectos flagrantes do cómico ou do ridículo, um sentido profundamente humano. O cinema de Charlot é simultâneamente cómico e triste, alegre e sentimental, mas sempre verdadeiro e humano. O exagero, a deformação caricatural, se por vezes afasta um pouco a verdade, acentua sempre as características de uma autêntica realidade.

As finalidades da caricatura podem revestir-se de conteúdos com intenção muito diversa: há caricaturas de usos e costumes, de crítica aos problemas domésticos ou sociais, de política, de aspectos do snobismo da vida mundana, e até, por vezes, tem apenas um sentido de galanteria feminina, mais ou menos livre e ousada. A caricatura tanto se apresenta em modalidade inofensiva, como agressiva e contundente, irónica e mordaz, ou simplesmente grotesca. Pode ainda ser muda, isto é, atingir a sua intenção apenas através das formas e aspectos plásticos que o artista nos faculta nas suas criações, ou apresentar-se acompanhada, e ampliada no seu efeito humorístico, pela graça de uma expressão escrita, pela ironia de uma legenda anedótica, que completa e favorece o poder de sugestão de um desenho.

*

Ora, a arte da caricatura no nosso país pode dizer-se que está hoje em franca decadência, se não morta! É ver as insípidas caricaturas, de origem comercial estrangeira, que alguns jornais portugueses actualmente costumam inserir nas suas secções humorísticas, em séries de pequenos quadradinhos, sem o menor cunho nacional, acompanhados de dísticos monótonos, perfeitamente idiotas, que não provocam o riso nem o sorriso, e são de uma carência de graça e de ironia desoladoras!

Vai longe, infelizmente, entre nós o tempo do grande mestre da caricatura portuguesa, o genial Rafael Bordalo Pinheiro, falecido em 1905, que foi também um ceramista e decorador magnífico, fundador de esplêndidos jornais humorísticos como foram *A Paródia*, *O António Maria*, *Os Pontos nos ii* e outros periódicos interessantíssimos desse extraordinário modelador dos expressivos bonecos populares de cerâmica das Caldas da Rainha, e criador da figura simbólica do «Zé Povinho», representativo do povo português, sofredor e paciente perante os abusos da governação e dos políticos, tal como a Inglaterra criou o seu «John Bull» e a América do Norte o seu «Uncle Sam».

Nessa época áurea da caricatura nacional outros expressivos desenhadores continuaram na esteira de Bordalo Pinheiro, como o seu discípulo Manuel Monterroso, ainda há pouco falecido; como, mais tarde, Celso Hermínio, Francisco Valença, Ressano Garcia, Stuart Carvalhais, o grande artista Leal da Câmara, que tanto renome alcançou em França; e outros muitos que se distinguiram, com magníficas interpretações da arte da ironia, da graça e do riso.

A verdade é que este declínio entre nós da caricatura, tanto como em alguns outros países (na Inglaterra e na França ainda hoje se faz excelente caricatura) é consequência de uma inferioridade geral que se nota nos domínios de certas correntes pseudo estéticas, seja qual for a modalidade das suas expressões. É um fenómeno de extensão mundial, um sintoma característico do momento de inquietação, de instabilidade e de incerteza da hora que vivemos, tal, por exemplo, como o que se passa a respeito de certa música moderna, que, pelos seus ritmos e toada monocórdica, se assemelha ao batuque da selva primitiva. É já um lugar comum ouvir dizer que a chamada arte moderna — desenho, pintura ou escultura — não passa de uma *caricatura*, no sentido pejorativo da palavra, da verdadeira arte, pela deturpação intencional das linhas, pelo desequilíbrio das perspectivas, pelo exagero e violência das formas, dos volumes e das cores! Ora o artista que dentro de tais moldes supõe fazer pintura ou escultura, não modela, nem pinta, nem tão pouco faz caricatura, porque não passa de um contorsionista da arte, de um obsecado pela determinação de evitar os cânones eternos e clássicos,

dominado pela pretensão de produzir *novo e diferente*, de fugir ao que considera cópia servil da natureza, procurando interpretar o mundo e a vida de um modo egotista, inteiramente subjectivo, interior e hermético, em plena independência individual, mas sem preparação, nem estudo, nem escola! Com tal formação estética, nem sequer o artista poderá alcunhar-se de *caricaturista da arte*, simplesmente porque a caricatura também é arte, e a arte não vive só de intuições, nem só do abstracto, porque tem de ser criadora, fecunda e equilibrada, salutar e normal, e, principalmente de falar à nossa sensibilidade e ao nosso espírito, de ser comunicativa, e não absurda, desorbitada e incompreensível. Mas deixemos estas considerações, por demais já discutidas entre modernistas e conservantistas.

*

Naquele bom velho tempo em que as modalidades da arte eram, de facto, traduzidas por expressões de indiscutível elevação espiritual, também Guimarães teve naturalmente os seus artistas plásticos, entre os quais brilharam dois temperamentos de autênticos caricaturistas: — os vimaranenses Abel Salazar e José de Meyra, ambos já falecidos.

Não pretendemos aludir à obra artística do primeiro, porque ela já foi magistralmente tratada e descrita pelo Professor Doutor Luís de Pina, na Conferência que em 1965 pronunciou no Museu Regional de Alberto Sampaio, por ocasião da VI Reunião dos Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais, e que no ano seguinte publicou, em colaboração com a Dr.^a Dona Maria Olívia Rúber de Meneses, num opúsculo, em separata da Revista «O Médico» (n.º 749 de 1966), sob o título de *Caricaturas inéditas do Prof. Abel Salazar no Museu de História da Medicina do Porto*.

Vamos referir-nos aqui unicamente ao caricaturista José de Meyra, que, sem dúvida alguma, não chegou a ser um artista de tão elevado mérito como foi Abel Salazar, porque este último, além de um grande escritor e de um grande cientista, foi igualmente um notável desenhador e pintor, embora também um autodidacta da arte, ao



José de Meyra
(1887-1911)

passo que Meyra, apesar de possuir, como Salazar, um temperamento inato de artista, de ser um observador perspicaz—qualidade indispensável ao caricaturista—e um feliz tradutor de expressões fisionómicas, carecia de técnica segura e de um traço mais correcto e espontâneo, revelando todavia, na verosimilhança que sabia transmitir às figuras que desenhava, as suas manifestas aptidões estéticas.

Era José de Meyra filho de um distinto médico vimaranense, o Dr. Joaquim de Meira, falecido em 25 de Junho de 1931, homem inteligente e ilustrado, que durante muitos anos desempenhou em Guimarães, com raro brilho e competência, elevadas funções públicas, entre as quais as de procurador à Junta Geral do Distrito, de presidente do Município, de professor e director da Escola Industrial, presidente da Sociedade Martins Sarmiento, director clínico do Hospital da Misericórdia, etc.

Seu filho José revelara desde muito jovem, quando ainda aluno do liceu, marcada tendência para o desenho, chegando mais tarde a colaborar em vários periódicos, como na *Nova Silva* (1907) e n.º *A Farsa* (1909-10). Nascido em 1.º de Novembro de 1887, faleceu em 30 de Outubro de 1911, apenas com 24 anos. Frequentava então o 3.º ano do curso de Medicina na Universidade de Coimbra, e só durante as férias o víamos por Guimarães. Era um rapaz de baixa estatura e ombros largos, muito apumado, trajando correctamente, como um verdadeiro *dandy*, cara impecavelmente escanhoadá, um sorriso irónico a aflorar-lhe sempre aos lábios, feições expressivas e monoclo que atrevidamente assentava, tinha sempre um comentário espirituoso a fazer, uma anedota a contar, uma chalaça a propósito.

Com 18 anos de idade reunia já, num valumoso álbum, uma interessantíssima colecção de caricaturas de que era autor, retratando uma série de pessoas bem conhecidas no meio vimaranense:—artistas, fidalgos, capitalistas, médicos, jornalistas, militares, polícias, professores, clérigos, juristas, mercadores, letrados, estudantes, etc., em suma, aqueles indivíduos, de configuração e aspecto mais ou menos caricaturáveis, com quem diariamente nos cruzávamos nas ruas da cidade, a passearem despreocupadamente, ou indo à sua vida de trabalho, atendendo fregueses ao balcão das suas casas de comércio, predicando nas igrejas ou ensinando nas aulas do

local, cavaqueando à mesa dos cafés ou reunidos nas tertúlias da Tabacaria Havaneza, da Farmácia do Rodrigo Dias, da Relojoaria do Jácome, ou da loja do João Gualdino.

Essa curiosa e alegre colectânea de retratos caricaturais de figuras provincianas fizera sucesso, andava então na boca de toda a gente e todos manifestavam vivo interesse e curiosidade em a ver e apreciar, para estímulo de gargalhadas de bom humor; mas poucos a conheciam, porque o Meyra apenas mostrava o seu *Album das Glórias* aos amigos, ou a pessoas compreensivas e de certa cultura, que não se escandalizassem ao depararem com a imagem da sua vera effigie mais ou menos deformada, cômicamente exagerada nas suas linhas e características fisionómicas pelo lápis irónico e as aguarelas do irreverente caricaturista.

As imagens contidas no famoso álbum eram, na sua maior parte, comentadas e ilustradas com versos a propósito, ali lançados pelo irmão do artista, historiador, escritor e poeta Dr. João de Meira, homem de invulgaríssimo talento, nascido em 1881 e que aos 27 anos era já professor assistente da Escola Médica do Porto, mas que a morte ceifou em 1913, com 32 anos de idade, cortando cerce a sua prometedora carreira no professorado e nas Letras, não o deixando sobreviver mais que dois anos a seu irmão José. Ficaram célebres no jornalismo as suas extraordinárias faculdades de imitador, em prosa e verso, de alguns dos maiores literatos portugueses. Também o Prof. Luís de Pina, que actualmente ocupa a Cátedra de História da Medicina da Faculdade de Medicina do Porto, para a qual João de Meira fora nomeado mas que já não chegara a ocupar, publicou alguns importantes estudos sobre a obra literária deste malogrado escritor vimaranense (*).

(*) Luís de Pina, *Sherlock Holmes no Porto. Contribuição portuguesa para a história do romance policial científico*, Conferência pronunciada na Assoc. Luso-Britânica do Porto em 29-XI 1960 e publicada na *Revista de Guimarães*, vol. 71, 1961, p. 65 ss.; *João de Meira nas Letras e na Medicina*, Conferência no Liceu Nacional de Guimarães em 3-XII-1963, publicada na *Revista de Guimarães*, vol. 73, 1963, p. 405 ss.

Sobre João de Meira veja-se ainda a homenagem prestada à sua memória também na *Revista de Guimarães*, em 1921, vol. 31, p. 111 a 205, contendo artigos biográficos subscritos por vários autores, bem como a bibliografia e uma Conferência inédita do malogrado escritor, intitulada «Guimarães. 950-1580».

Falecido o autor da interessante colectânea de desenhos humorísticos representando figuras populares de Guimarães, e morto igualmente o poeta seu colaborador, entrou na posse do curioso *Album das Glórias* o único irmão que ainda restava vivo, o Dr. Gonçalo Meira. Finalmente, pelo falecimento recente deste último, em 13 de Abril de 1967, os seus descendentes tomaram a benemérita resolução de oferecer o valioso álbum de caricatura e poesia à Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, o qual deu entrada na Secção de Reservados nesse mesmo ano. Para a efectivação desta generosa dádiva muito influiu a Ex.^{ma} Filha de João de Meira, Senhora Dona Virgínia Sampaio de Meira e Allen, que pessoalmente acompanhou a esta Instituição uma sua prima representante da Família do Dr. Gonçalo, para ali fazer entrega do precioso inédito.

*

Tem o Volume 133 fólhos com as dimensões de 20 × 32 cm, encadernado em capa de carneira contendo, impressa a matriz aquecida ao fogo, a seguinte frase interrogativa: WAS MURRET IHR? (*O que estais vós a resmungar?*), que parece ser alusivo à indignação que o álbum provocava aos caricaturados, mas ignoramos o que levaria José de Meyra a inserir, em língua alemã, e não em português como seria natural, esta legenda na capa do seu livro. Possivelmente não terá outra explicação senão a de mais uma excentricidade do autor.

Está dividida a Colectânea de desenhos em duas séries, a primeira contendo 29 caricaturas e a segunda 35, todas executadas desde 16 de Abril de 1905 (data da primeira caricatura) a 11 de Agosto de 1907 (data da última). Abre a folha que serve de portada da 1.^a série com a caricatura do próprio autor, representado a caminhar sossegadamente, de mãos nos bolsos das calças, atitude muito sua, e um cachorro a ladrar-lhe, agressivo

e feroz, pronto a atirar-se-lhe às canelas. No canto superior direito da página o título:

«NA RUA»
1.ª SÉRIE
CARICATURAS DE
José de Meyra
GUIMARÃES . 1905

Nessa mesma folha encontra-se escrito em cursivo, com letra de João de Meira, o seguinte aditamento ao título, lançado ali após a morte do caricaturista:

«*Versos de João de Meira*»

E, no canto superior esquerdo, as datas do nascimento e do falecimento do artista:

«*N. a 1-XI-1887, Fall. a 30-X-911*»

Nas duas folhas imediatas foram lançados estes versos, também pelo punho de João de Meira:

Introito

*Ó tu mortal que me lês
Atende, que já te vou
Mostrar aquilo que és,
Mostrar aquilo que sou!*

*Um medo, porém, me aflige,
Mortal pouco sofredor,
Achas feia a vera efigie?
Quererás bater no autor?*

*Não faças tal, que é perdida
A desafronta, te juro,
Tenbo um seguro de vida,
Tenbo as costas no seguro.*

*Crítica, altiva senhora,
Que em tudo mete o nariz,
Também se pode ir embora
Que aqui não será feliz.*

*Pois que eu, em boa politica,
Sendo um rapaz de cautela,
Tenho uma figa p'ra critica,
Tenho um manguito p'ra ela...*

João
24-5-905

*Quem quer que sejas tu, em cujas mãos for dar
O livro que ora vês, livro que não tem par,
Livro ideado na rua a golpes de luneta,
Executado em casa a linbas de caneta,
A traços de crayon, a riscos de pincel
Lançados febrilmente ao branco do papel,
Quem quer que sejas tu, pára no limiar,
Consulta-te um momento antes de o folhear...
Quando se vê uma obra é quase sempre bom
Fazer acto de fé e acto de contrição,
Acto de boa fé, que rara vez se faz,
De não o começar logo de pé atrás,
E acto de contrição, no fim, sendo preciso,
De ter formado dele um péssimo juízo...
Quem quer que sejas tu, vais ver uma cidade
Em toda a sua pompa, em toda a alacridade.*

E, na folha 60, fecham a 1.^a série de caricaturas estes cinco versos:

*Acabou-se o livrinho e, se o leitor,
Que não viu seu retrato, se presume
Já bem livre das garras do pintor,
Não vá cantar vitória, por favor,
Que não tarda a sair outro volume.*

João
30 de Junho de 1905

A 2.^a Série abre com um esboço a lápis, representando a cabeça do artista, e a seguir, na folha de capa, repete-se o título da 1.^a Série, tendo do lado direito, burlescamente figurada, a estátua de Afonso Henriques,

com o álbum de caricaturas na mão, a espada debaixo do braço, calçado com chinelos de quarto, e com a cota de malha de ferro desapertada na frente, deixando vislumbrar interiormente, pela abertura, uma parte dos trajes menores do rei. Junto do pedestal vêem-se mãos erguidas, implorando o livro, que o soberano, façanhudo mas de ar risonho, de grandes dentes à mostra, retém aberto.

No final desta última Série de caricaturas há uma página de ERRATA, que diz:

«Onde se vê: (*segue-se o desenho da cabeça de um dos caricaturados, José Caldas, de cara rapada*)

«Veja-se: (*segue a caricatura do mesmo personagem, mas já com barba crescida, que ele então passara a usar*).

Termina o curioso Volume com outra auto-caricatura, figurando José de Meyra a dormir tranquilamente, numa cama de ferro, de barrete de noite enfiado na cabeça, percevejos passeando no lençol e na travesseira e a cara picada por eles; um vaso de noite pousado no chão junto da cama, e as botas tombadas descuidadamente, uma delas mostrando a sola já rota. À cabeceira da cama, uma cadeira com um castiçal no assento de palhinha, e umas peúgas nas costas da mesma. Um vasinho de cravos colocado num suporte de parede, e, ao lado, pregado por cima da cabeceira da cama, um quadro com a imagem de um santo mitrado, contendo na parte inferior o letreiro S. BRAZ.

No canto inferior esquerdo desta página a assinatura do autor, com a data de 28-9.º-5, e a indicação do local: Picouto de Baixo, uma quinta pertencente à Família Meira, na freguesia de Gominhões deste concelho, onde os proprietários passavam algum tempo no verão, e onde faleceu o Dr. João de Meira em 1913. Pertence actualmente à viúva deste.

Na impossibilidade de reproduzirmos neste singelo artigo, escrito em memória de José de Meyra, nosso bom amigo naquele saudoso tempo de uma já tão distante mocidade, todas as caricaturas contidas no seu Álbum, aqui incluímos meia dúzia delas, três das quais acompanhadas dos versos com que seu irmão João as comentara.

M. C.

Est. I



O artista-pintor vimaranense Abel Cardozo

1877 † 1964)

(a Abel Cardozo)

Depois de ter vivido longamente
Pelo Bairro Latino de Paris,
Regressou à cidade, negligente,
Onde passara os anos de petiz.

Nela vive contente e com recato,
Sem ambição de glória ou de renome...
E, isenta de *pose*, espalhafato,
Sua vida de artista se consome!

Teria fama em meio de mais jeito
E proveito também, que é o melhor,
Aqui tem fama, mas não tem proveito,
Como era, na verdade, mercedor.

Se eu fosse ele, fugia à *terra amada*,
Onde o génio se murcha e se definha,
Como árvore gigante plantada
Num vasilho de barro do «Rainha»! (*)

João

5/6/905

(*) O «Rainha» era um conhecido oleiro de Guimarães



O Abade de Tagilde, P.º João Gomes de Oliveira Guimarães, então presidente da Câmara Municipal, arqueólogo e diplomata, coordenador do volume VIMARANIS MONUMENTA HISTORICA.

(1853 † 1912)

(ao Abade de Tagilde)

Preside hoje aos destinos do concelho
E prometeu, a bem do nosso povo,
Escavar tudo o que é sujo e velho,
E uma nova cidade erguer de novo!

Mas eu já não como tal paleio
Nem esses lindos rasgos triunfantes,
Hão-de correr os anos, sem receio,
E tudo ficará como era d'antes.

Bem mais feliz é ele quando entrega
Os ócios que lhe deixa a freguesia
Abrindo os olhos a gatinha cega
Nos seus volumes sobre arqueologia.

Est. III



O Cónego José Maria Gomes, professor do Liceu de Guimarães
(1861 † 1920)

(ao Cônego José Maria Gomes)

Ó cábulas fugi, fugi e sem parar,
Aí vem vosso terror,
Não sabeis traduzir, não sabeis declinar,
Ó cábulas fugi, não conseguis passar
Seja lá como for.

Aí vem quem vós temeis e até vos arrepia,
De óculos refulgentes
Com aro de ouro puro e vidros de miopia,
Aí vem quem vós temeis nesse solene dia
De cólicas valentes!

E ele não é algoz, é um juiz sòmente
Bem justo e justiceiro.
Quando nos vem falar até alegre a gente,
Tem sempre uma piada, um dito, algum repente,
Um conto galhofeiro.

De quando em vez, porém, deixa de ser tranquilo
E entra em luta acesa,
Atira então verrina em castigado estilo
Onde esfusia alegre o riso de Camilo
E a graça portuguesa.

Mas destes pormenores vós nada percebeis,
Cábulas do Liceu,
Que à hora do exame o respeitais, temeis,
Porque não estudais e porque não sabeis
Aquilo que se deu.

Ó cábulas parai, vinde beijar-lhe a mão
Porque, apesar de tudo,
Se ele vos reprovou não foi mau coração,
Foi só para que vós, com a reprovação
Ganheis o amor do estudo.

João

Escreveu em 1902
e copiou em
Picouto de Baixo, 26/9/905

EST. IV



O 1.º Conde de Margaride, Luis Cardozo Martins da Costa Macedo
(1836 † 1991)

Est. V



*O 1.º Barão de Pombeiro de Riba-Vizela,
Paulo de Melo Sampaio Freitas do Amaral.*

(1837 † 1913)



António Augusto da Silva Carneiro, abastado proprietário vimaranense, assíduo frequentador da Tabacaria Havanesa.

1847 † 1940